

Roberto Smith

Presidente do Banco do Nordeste do Brasil

“Os setores culturais no Brasil se acostumaram a uma grande dependência do estado para distribuição de recursos. Foi assim que as coisas perderam a sua capacidade de autogestão.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron no dia 10 de agosto de 2010, em Fortaleza. Versão

Roberto Smith

Roberto Smith é economista e preside o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) desde fevereiro de 2003. Nasceu no estado de São Paulo, mas vive em Fortaleza há mais de 30 anos. Smith comanda um dos principais programas de incentivo à cultura. Desde 2005, cinco edições do Programa BNB Cultura financiaram 1.131 projetos de 474 municípios da região Nordeste, Norte de Minas Gerais e do Espírito Santo – a área do Semi-Árido onde atua o banco. “Queremos que os editais de cultura contemplem o maior número de estados e municípios. É uma política interessante.”

O Banco do Nordeste do Brasil também estruturou uma parceria na área cultural com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), histórico financiador da cultura e uma das poucas instituições que aplica recursos não reembolsáveis para as artes. As instituições hoje são parceiras nos editais de cultura. A edição 2011 do programa vai reunir R\$ 6 milhões. Para Smith, “o fato de estarmos trabalhando agora conjuntamente com o BNDES busca somar recursos para resolver um problema de uma maior participação do Nordeste na produção cultural”.

Roberto Smith também atuou em cargos de liderança na Associação Latino-americana de Instituições Financeiras para o Desenvolvimento (Alide), na Junta de Administração da Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame/BNDES), no Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e na Universidade Federal do Ceará (UFCE). O Banco do Nordeste hoje possui três centros culturais: em Fortaleza (CE), em Juazeiro do Norte (CE) e em Sousa (PB). “Somos um banco de desenvolvimento, que se faz com alma. Ela, por sua vez, é feita de cultura.”

Fale um pouco sobre qual é a missão e o tamanho do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), que é o maior banco de desenvolvimento regional da América Latina.

Quando eu assumi o banco, chamei uma empresa de consultoria e fiz o que você está me pedindo, contei o que era o Banco do Nordeste. Eles ficaram espantados, apesar de serem de uma empresa que tinha tradição em consultoria bancária, mas eles nunca tinham visto nada igual. O Banco do Nordeste possui uma faceta diferenciada, ele não é só um banco. Isso se explica pelo fato de o banco estar inserido em uma região deprimida, que se ressentia de indicadores mais rebaixados em relação à média brasileira. Para um nordestino, aliás, nada é fácil. Tudo é acompanhado de grande dificuldade. O próprio Banco do Nordeste parece ser assim. Para o BNB merecer um lugar de respeitabilidade nacional precisa provar mais do que outras instituições. Con-

tribui para isso certo escárnio de como se vê o atraso da região Nordeste. É como se estes elementos, que são responsáveis pelo atraso, marcassem essa população e jogassem descrédito em tudo que acompanha sua vida. O banco se diferencia por ser uma instituição de desenvolvimento regional. Ou seja, nossa missão é trabalhar com crédito e financiamentos em longo prazo, entendendo os investimentos como elementos desencadeadores do desenvolvimento regional. Contudo, o BNB sofria com uma longa tradição, sobretudo dos grandes empresários, de contratar financiamento e não pagar o banco. Havia um nível de inadimplência muito elevado, falta de cobranças, falta de controles, enfim, tudo aquilo que hoje é uma lacuna de liderança corporativa. Por outro lado, fazia um esforço muito grande para se inserir em tudo que acontece no país e nos centros de decisão. Ele precisa estar presente e operando em enormes distâncias com uma ampla faixa de ações. Talvez nós sejamos o maior banco da América Latina na área de microcrédito rural e urbano. Aos poucos, conseguimos mostrar que somos uma instituição modelo. Fizemos isso em função de toda uma recuperação desse quadro sobre a qual o banco deve trafegar, com todos os elementos que são extremamente rigorosos do setor financeiro. Ao mesmo tempo, nossa presença em vários setores não nos caracteriza fundamentalmente como banco. No caso da cultura, por exemplo, a nossa presença se dá porque entendemos a cultura como um dos vetores na questão da valorização e do desenvolvimento regional. Não estamos apenas nos aproveitando dos incentivos fiscais como fazem algumas instituições. Desenvolvemos uma concepção de cultura que é muito mais ampla do que normalmente aquelas atreladas a fatores mercadológicos.

Antes de entrar na política cultural do BNB, gostaria de sua avaliação sobre os investimentos em infraestrutura no Nordeste, incluindo os equipamentos culturais. Como o senhor vê isso?

O que a gente está assistindo hoje no Brasil sobre a infraestrutura é também um reflexo de todos os anos em que a economia esteve praticamente com marcha de crescimento muito baixa. Todo nosso aparato de infraestrutura ficou bastante ultrapassado. Há necessidade de grandes investimentos. Isso vem ocorrendo no Brasil e vem ocorrendo especificamente no Nordeste e o banco é um grande financiador da infraestrutura em geral e a gente entende como um elemento importante, no mínimo, para manter a economia nordestina dentro dos padrões da economia brasileira. O Banco do Nordeste assume um papel decisivo: somos responsáveis por 62% de toda carteira de investimentos na região e somos responsáveis por 35% de todo o crédito

regional – o que nos coloca em uma das maiores instituições regionais ou nacionais. O BNB é o oitavo banco no ranking brasileiro. No caso específico do financiamento da infraestrutura cultural, os resultados ainda são muito baixos. Ainda que haja alguma movimentação nesse sentido, de tratar a cultura como investimento em infraestrutura, isso ainda é uma coisa bastante reduzida. Temos a percepção de que esse seria um fator importante na estruturação do desenvolvimento regional, mas isso ainda nos deixa em uma situação bastante rebaixada. Nesse caso, os centros mais dinâmicos da economia brasileira possuem o condão de reunir todo aparato necessário para atrair a maior parte da produção e da geração cultural para essas áreas mais desenvolvidas.

O Programa BNB de Cultura, em cinco edições desde 2005, patrocinou 1.131 projetos em 474 municípios, o equivalente a quase R\$ 20 milhões. Qual é a política cultural do banco? Existe uma preocupação com a descentralização também?

Além da cultura, o banco observa isso também nos padrões de atendimento, de crédito e de investimentos para que não haja excessiva centralização das aplicações em algumas regiões. Da mesma maneira, queremos que os editais de cultura contemplem o maior número de estados e de municípios. É uma política interessante. Nos editais de cinema organizados pelo BNDES, percebemos que o Nordeste sempre está de fora; com exceção do estado de Pernambuco, que aparece com alguma coisa. O fato de estarmos trabalhando agora conjuntamente com o BNDES busca somar recursos para resolver um problema de uma maior participação do Nordeste na produção cultural [*em 2010, BNB e BNDES firmaram parceria para apoiar a produção e difusão da cultura do Nordeste, Norte de Minas Gerais e do Espírito Santo por meio da seleção pública de projetos*]. Isso é muito positivo. Nós temos na área cultural um reconhecimento do trabalho e essa coparticipação com o BNDES gera bons resultados. Acredito também que os nossos padrões e editais sejam bem recebidos porque são concebidos dentro de um formato democrático, de ampliação do acesso ao debate e de abertura para corrigir o que é necessário. Ou seja, trabalhamos para uma interlocução com a classe cultural.

Os editais do BNB abrangem o Norte de Minas e do Espírito Santo. Que configuração geográfica é esta?

O que caracteriza a participação do Banco do Nordeste é a presença no semiárido. Mais de 60% da área do Nordeste está enquadrada no semiárido, cujo padrão de identificação é um baixo nível pluviométrico – de até 500 mi-

límetros por ano. O Norte de Minas e do Espírito Santo se enquadram dentro dessa característica. Essa atuação é fundamentada em lei e baseada na atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). O BNB opera isso.

A opção de financiar projetos culturais a fundo perdido, sem usar necessariamente incentivos fiscais foi uma opção do próprio BNB?

Sim. É uma opção como a do financiamento da pesquisa aplicada, também com recursos que se chamam de fundo perdido. Mas, na verdade, é “fundo ganho”. É uma opção que, claro, muitas vezes para a direção não é tão simples assim e precisa passar pelo filtro do conselho de administração. No fundo, estamos tirando um recurso que seria lucro do banco e remuneraria o Tesouro e os acionistas minoritários. Mas é um instrumento utilizado por nós para financiar a cultura, como opção estratégica.

Como surgiu o apoio do BNB a projetos em pequenos municípios e o fomento ao microcrédito cultural?

Quando entrei no banco li em um jornal que um professor do Rio de Janeiro ia doar sua biblioteca para sua cidade natal. Um lugar nos confins de Alagoas. Além disso, tinha um pessoal que havia se organizado neste município para formar um centro cultural. Fui atrás e consegui falar com esse professor. Ele me contou a história e disse que aquilo estava sendo muito importante para a garotada lá. Eu disse que queria ajudar e naquela época nós estávamos mudando os computadores do banco. Eles seriam vendidos a preço de banana. Fizemos uma doação de computadores para eles. Aquilo surtiu um efeito grande lá. Depois, esse professor veio me contar as experiências da garotada com teatro e música. Aquilo ficou na minha cabeça, porque no interior nordestino as oportunidades de ver coisas diferentes, outros tipos de possibilidades, de trabalho conjunto da juventude são praticamente inexistentes. É muito necessário pensar que esses locais precisam de pequenos museus, cinemas e bibliotecas. As coisas nesse governo começaram a brotar com a Arca das Letras [*projeto do Ministério do Desenvolvimento Agrário de implantação de bibliotecas em comunidades rurais*] e nós apoiamos um conjunto grande destes aparatos do projeto. Essa iniciativa, por sua vez, deixou a idéia de que podíamos fazer alguma coisa a mais. Conversando com o pessoal do Instituto Nordeste Cidadania (Inec), surgiu a ideia de montamos alguma coisa que tivesse foco na cultura em pequenas cidades, onde não havia nada e que fosse algo sustentável. Ou seja, discutimos a possibilidade que a gente pudesse jo-

gar lá um pedaço do nosso microcrédito, alguma coisa que pudesse ser autos-sustentável. Acabamos decidindo por um projeto piloto em Pedro II, um município do Piauí, a pouco mais de 100 quilômetros da fronteira com o Ceará. Foi lá que começou a exploração bruta da opala e da confecção de jóias. É uma região que possui algum aceno cultural, principalmente por causa do Festival de Inverno de Pedro II. Nosso pessoal foi para lá e começou a ver o que existia na cidade. Fizemos um mutirão e montamos o centro cultural e de negócios com baixo custo. Gastamos R\$ 30 mil. Doamos os computadores, um arquiteto nosso ajudou no centro, enviamos livros, havia teatro e oficinas. Assim, esse modelo começou a deslanchar. Nossa experiência seguiu para Guaribas, outra cidade do Piauí, uma cidade que o presidente Lula visitou logo no início do governo e aonde não acontecia nada. Lá, nós também ganhamos da prefeitura uma pequena casa de frente à praça. Aconteceu uma mobilização espontânea lá, as pessoas têm sede disso. O grupo redecorou a praça com ladrilhos e pintaram tudo. Fizemos uma inauguração com sessão de cinema, estruturamos o mercado de venda de animais e começaram a realizar a compra e a venda de animais com financiamento do banco. O prefeito, que não acreditava em nada, ficou entusiasmadíssimo. Ele tinha pedido R\$ 3 milhões para redecorar a praça e ele não gastou praticamente nada. Enfim, estamos avançando nessa atuação em pequenos municípios, é um projeto com mais 30 unidades dessa de cultura no Nordeste. Recentemente, o Ministério da Cultura entrou no nosso projeto propondo que a gente assumisse 30 Pontos de Cultura do Nordeste com essa formatação de financiamento. Então, estamos avançando.

Como se estabelece na prática essa formatação financeira dos microcréditos?

Existe uma área que empresta e que faz os contratos do microcrédito e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Esse setor gera uma aplicação do banco que é o bastante para manter um centro desses de cultura. Mas o que eu acho importante dentro dessa concepção é que não é uma coisa do banco, é uma coisa da comunidade e eles se organizam em função do desenho que a própria comunidade junto com o banco, junto com o Inec e com as forças vivas de cada comunidade encontram para se colocar. Eu aposto muito nisso porque eu gosto muito das coisas que brotam de uma iniciativa própria e não que brotem de uma instituição forte ou do governo que diz: “Olha, vai ser assim”. É claro que existe um impulso do banco, mas, à medida que nós estruturamos as coisas, os valores culturais locais vêm à tona. Em Pedro II, por exemplo, existe um sujeito que passou a ensinar escultura. Antes era uma coisa só para ele e agora ele dá aula de escultura para os

interessados. Essas habilidades começam a vir à tona e começam a se multiplicar. Felizmente, o ministro da Cultura também gostou do projeto e resolveu apoiar, inclusive dando um recurso além do que eles já davam.

Como aplicar microcrédito em pequenas empresas e instituições culturais? Por que isso não é visto pelo setor bancário como uma demanda?

Pelo contrário, o BNB vê isso. Mesmo na parte do microcrédito, o setor cultural é ainda um baixo demandante de financiamento. Hoje o grande demandante do microcrédito são atividades comerciais. Ou seja, as coisas não estão ainda muito claras em termos da estruturação da cultura como algo que pode também merecer o apoio. A gente trabalha nesse setor, há recursos, mas a demanda é relativamente baixa. Os setores culturais no Brasil se acostumaram a uma grande dependência do Estado e isso gera essa expectativa de um Estado que faz benemerência com distribuição dos recursos públicos. Foi o momento em que as coisas realmente perderam a sua capacidade de autogestão, de auto estruturação. Vivemos, portanto, o começo de um caminho para poder avançar neste setor. Acho que o Nordeste tem fatores relevantes e de valoração muito fortes para serem explorados. Se a gente olhar um pouco a formação social e econômica brasileira, a região Nordeste possui certas características distintas. A região foi pouco abordada pelas correntes migratórias, destinadas historicamente para o Sul e Sudeste. Existe uma relação interessante que explica isso que foi o precoce fechamento das terras do Nordeste, sobretudo na agricultura canavieira e depois na pecuária. O estrangeiro não se sentia atraído pelo Nordeste porque não existiam terras aqui e a imigração toda foi fundada em cima do sonho de se tornar proprietário. Com isso, a formação da sociedade nordestina foi pouco impregnada por correntes migratórias. Os valores mais tradicionais ficaram preservados sobretudo com as influências indígena, negra e portuguesa. Isso caracterizou certo sotaque, certo tipo de arte. Em função de toda essa realidade, temos fatores de preservação cultural mais autênticos na comparação com São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, por exemplo. Isso gera certos fatores que são interessantes e que muitas vezes entram naquele quadro de desprezo e de desvalorização e que aos poucos começam a mostrar os seus traços dentro de toda essa geleia cultural, das influências mais modernas. Mas são fatores da formação histórica que permanecem no cerne e na essência do Nordeste.

Como o senhor vê os impactos culturais de grandes obras, como os da Transposição do Rio São Francisco?

Nós temos no Nordeste hoje alguns grandes projetos como esse da trans-

posição das águas do São Francisco, a Ferrovia Transnordestina. Nestas obras está se contratando praticamente 500 pessoas por dia, todo dia, contando sábado e domingo. As pessoas passam por cursinho rápido de três meses para conseguirem aptidão para trabalhar. O maior nível de emprego na construção civil envolve, inclusive, a contratação de mulheres. Muitas comandam tratores e caminhões pesados, elas ganham aptidão mais rapidamente do que os homens, estudam mais. Existem certas áreas nas quais nós estamos vivendo grandes processos de mudanças e estas mudanças envolvem tudo, porque junto com isso são correntes migratórias fortes. No Nordeste, que foi um tradicional perdedor de população, atraído pelo emprego no Sul, Brasília, Amazônia, hoje o que a gente assiste é um movimento contrário e esse movimento contrário muitas vezes traz de volta descendentes nordestinos. O pessoal voltando com um pé de meia para comprar uma terra ou já formado dentro de um quadro profissional, quer dizer, toda essa dinâmica é importante. Estamos vivendo um processo muito excitante e curioso e acompanhar isso é não perder o pé nessa mudança da realidade social e cultural.

Como você avalia a indústria cultural no Nordeste, sobretudo, o carnaval na Bahia e o turismo cultural? Ele cria oportunidades ou contradições?

A indústria do carnaval não é uma coisa que eu goste. O carnaval que surgiu na Bahia, na sua origem, é uma coisa muito interessante, mas ela se perde dentro de uma exploração econômica com traços que me incomodam muito. Tornou-se uma forma de lazer e divertimento muito vazia. Toda a estruturação da venda de abadás, cordões de pipoca, realmente eu acho uma negação de toda a alegria. Eu não gosto. Estão fazendo muito parecido em relação a outra tradição forte no Nordeste, que são as festas juninas. Quer dizer, estes concursos das quadrilhas acabam caindo em uma coisa estereotipada e comandada pela valorização do julgamento. Isso é uma negação da cultura.

Como são os centros culturais do Banco do Nordeste?

Quando eu assumi o banco, nós tínhamos o Centro Cultural Fortaleza. Fui visitá-lo e fiquei muito entusiasmado. Falei até para os meus filhos que eles precisavam aproveitar e eles me surpreenderam dizendo que frequentavam sempre o lugar (*risos*). Descobri a pólvora. O Centro Cultural Fortaleza possui uma frequência de 1.500 pessoas por dia. E existem outros centros da capital cearense que são muito maiores, mas possuem menos público. As bibliotecas do centro cultural do Banco do Nordeste são muito procuradas e isso me dá uma certeza da importância desses centros. Quando eu assumi o banco,

transformei áreas desocupadas nas nossas agências em centros culturais. Fiz isso em Juazeiro do Norte, na Paraíba, onde havia vários andares sem uso. Hoje, Juazeiro é um centro de efervescência de produção cultural. Quando nós inauguramos, eu nunca me esqueço, ouvíamos o tempo todo que era só fogo de palha para o Banco do Nordeste se mostrar e que dali a pouco tempo não teria mais nada. No entanto, cada vez mais vem crescendo o centro e nós tivemos que aumentar nossa disponibilidade de horário e de equipe, porque a demanda é crescente. Isso mostra que nós estávamos corretos dentro de uma linha de trabalhar cultura, formação de plateia, valorização da leitura, eventos de teatro e tudo o mais. Eu gostaria que a gente pudesse avançar bem mais no cinema, eu gosto muito de cinema e acho que a população também gosta. O que eu sempre digo é o seguinte – às vezes parece frase de efeito: somos um banco de desenvolvimento e desenvolvimento se faz com alma. Ela, por sua vez, é feita de cultura. Pensar em desenvolvimento sem a valorização da cultura é um jeito capenga, algo estará faltando.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/roberto-smith/>